

Aviso de Vidigal: a indústria não pode aceitar mais sacrifícios.

— Se compreendemos que o atual momento brasileiro é de austeridade e muito trabalho, queremos deixar claro por outro lado que não temos condições de aceitar novos sacrifícios que possam comprometer o futuro industrial do Brasil. Esse aviso foi dado pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, em discurso feito ontem durante almoço de confraternização com a imprensa, na sede da entidade.

Após constatar que chegou a "hora da verdade, pois não estamos lidando mais com simples problemas econômicos, mas sim nos confrontando com uma mudança estrutural a nível internacional, dolorosa e de proporções imensas", Vidigal lembrou, em sua palestra, que "é forçoso reconhecer que não existe mais uma ordem econômica mundial, que assim possa ser chamada, mas sim uma situação caótica

dominada por falta de regras, e de compatíveis mecanismos de segurança".

Para o presidente da Fiesp, o problema, agora, não é procurar os culpados pelos erros da nossa política econômica — "erros que todos reconhecemos" —, porque, em sua opinião, "mesmo na ausência deles, o Brasil iria enfrentar de qualquer maneira uma situação bastante crítica de balanço de pagamentos em 1982, em face das proporções dos choques externos a que fomos submetidos nos últimos anos".

— Se é para achar culpados — disse Vidigal — prefiro ficar com o nosso brilhante professor Roberto Campos, que em recente entrevista publicada nos jornais de São Paulo afirmou que "não adianta nos exercitarmos no 'esporte' de atribuir a culpa da atual crise econômica do País a um ou a outro. Nós todos somos culpados, principalmente porque não nos ajustamos à crise do petróleo na hora certa".

Não há como fugir, afirmou ele, "após dois anos de recessão, quando supúnhamos já ter atingido o fundo do poço, somos obrigados a enfrentar a dura realidade de ter que superar a mais grave crise cambial que o País enfrenta desde os anos 30". Assim, Vidigal acredita que "a sobrevivência nos impõe em caminhar difícil mas inexorável: mais sacrifício, mais trabalho, mais produção, aceleração do processo de substituição de importações e, finalmente, exportar mais e assim construir a poupança nacional, única forma possível de superar o estrangulamento externo".

Mas, para isso, avisou o presidente da Fiesp, "necessitamos de uma política econômica que dê um horizonte de planejamento e perspectiva para o empresário, a fim de que possamos efetivamente superar a crise cambial, sem destruir o acervo industrial do País, construído ao longo destes últimos 30 anos

com muito sacrifício de todos".

Em seu discurso, Vidigal alinhou alguns pontos que, para ele, são fundamentais se se pretende evitar a intensificação da recessão e garantir o cumprimento de nossas obrigações externas. Esses pontos seriam: um plano coerente de substituição de importações; uma política de juro real adequada para as necessidades de sobrevivência e expansão da indústria brasileira; políticas monetária e creditícia mais realistas e independentes das fontes externas.

Vidigal também reinvindicou uma "política fiscal coerente que elimine gradualmente os subsídios, racionalize os gastos do setor público mas não asfixie a empresa privada nacional e eniba a criatividade empresarial indispensável à superação da crise cambial" e uma "política salarial justa para o trabalhador, menos danosa para o empregador e aritimeticamente mais correta".